

Requiem de Mozart

Coro e Orquestra
Gulbenkian
Lorenzo Viotti



GULBENKIAN
MÚSICA



06 jun 2019

Requiem de Mozart

06 JUNHO
QUINTA

21:30 — *Claustro*
do Mosteiro dos Jerónimos

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Ilse Eerens Soprano

Anthea Pichanick Contralto

Sebastian Kohlhepp Tenor

Nahuel Di Pierro Baixo

Vincent Huguet Ação cénica

Leonor Seixas Atriz

Michel Corboz Maestro do Coro Gulbenkian

Sóror Mariana Alcoforado

Excertos das *Cartas Portuguesas*

Wolfgang Amadeus Mozart

Requiem, K. 626

Introitus: Requiem aeternam

Kyrie

Sequentia: Dies irae

Tuba mirum

Rex tremendae

Recordare

Confutatis

Lacrimosa

Offertorium: Domine Jesu Christe

Hostias

Sanctus

Benedictus

Agnus Dei

Communio: Lux aeterna

Cum sanctis tuis

Este concerto é gravado pela Rádio
e Televisão de Portugal (RTP)

Duração total prevista: c. 1h 15 min.
Concerto sem intervalo

IMAGEM DE CAPA: MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS © DR

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Associação de Lisboa Para Boas Causas

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Requiem para uma mulher apaixonada

Vincent Huguet

Muitos mistérios ainda envolvem a génese do *Requiem* composto em 1791 por Mozart, a quem a morte não concedeu o tempo necessário para concluir a obra, parecendo no entanto muito provável que aquela lhe foi encomendada pelo fantasioso conde Franz von Walsegg. Este queria honrar a memória da sua esposa, Anna, que morrera com a idade de vinte anos. Ignora-se qual a causa da morte da jovem condessa, mas pensar que a mais célebre das missas de defuntos foi encomendada para uma jovem mulher reforça ainda mais o seu poder evocativo. Mozart dizia não ter medo da morte, “essa verdadeira e excelente amiga do homem” (1787), e o seu *Requiem*, no qual se sublinhou com frequência a teatralidade, faz alternar, de facto, emoções que se estendem do sofrimento ao apaziguamento, passando pelo medo, pela dúvida e pela ternura. Tanta paixão emana deste apelo a Deus e a Cristo, deste diálogo entre a terra e o céu, que somos tentados a restabelecer a comparação, muitas vezes evocada, entre amor profano e amor sagrado. Amamos Deus como amamos um homem ou uma mulher? Lendo os escritos ardentes de Teresa de Ávila (1515-1582) responderíamos: sim. Um século mais tarde, uma outra religiosa, num convento no Alentejo, teria conhecido um elegante oficial francês que então combatia os espanhóis na Guerra da Restauração da independência portuguesa. O marquês regressou definitivamente a França em 1668 e ela escreveu-lhe então cinco longas cartas cheias de paixão, de desespero, de dúvida e de admiração. Cinco cartas que se constituem como um mausoléu, ou um *requiem*, do seu amor. Publicadas em França em 1669, sob o título *Lettres portugaises traduites en français*, por um tal Gabriel de Guilleragues, permaneceram até aos nossos dias envolvidas num véu de

mistério que as embeleza da mesma forma como o *sfumato* suaviza os contornos do corpo e as linhas do rosto nos desenhos de Leonardo. Estas cartas, tendo causado sensação em toda a Europa logo após a sua publicação, suscitaram todas as pesquisas e hipóteses acerca do casal de amantes e da veracidade da sua ligação, mantendo-se desde então: ela chamava-se Mariana Alcoforado, ele Noël Bouton de Chamilly, e ambos teriam sido amantes entre 1663 e 1668, no convento de Beja; mas Gabriel de Guilleragues, o qual se dizia “tradutor das cartas, teria sido ele o verdadeiro autor... Tal como para o *Requiem* de Mozart, permaneceria a dúvida sobre a génese destas cartas, mas encontramos também nelas montanhas russas que se estendem da paixão mais ardente até ao desespero mais sombrio, que oscilam entre a amargura e a alegria quase fanática. Ao longo das cartas, que de muitas formas se assemelham às diferentes etapas de um *requiem*, esta mulher parece narrar algo que descreveríamos como “morrer de amor”. Ou seja, o relato dos seus tormentos e dos seus sofrimentos evolui como o percurso de uma iniciação: a dor da perda do amado, a sua falta, é imensa, sim, mas ela encontra-se no auge da felicidade que ele fez nascer no seu íntimo. O sofrimento é tão intenso como o foram a alegria e o prazer. E, a pouco e pouco, diminui o medo da morte, à medida que esta se manifesta como o corolário da vida. Juntar estes dois “*requiem*”, e convidar a religiosa portuguesa para a cabeceira de Anna von Walsegg no claustro dos Jerónimos, é tentar discernir, no céu de uma noite de primavera, o lugar onde o sagrado e o profano se confundem, e como o maior dos nossos medos se pode tornar numa celebração da vida.



RÉPLICA DA JANELA POR ONDE SÓROR MARIANA ALCOFORADO TERÁ FALADO COM O MARQUÊS DE CHAMILLY, EM BEJA © DR

Wolfgang Amadeus Mozart

Requiem, K. 626

COMPOSIÇÃO: 1791

ESTREIA: Viena, 2 de janeiro de 1793

DURAÇÃO: c. 55 min.

Marco perene da música religiosa do Classicismo, o *Requiem* de W. A. Mozart situa-se na continuidade de uma tradição centenária envolvendo o tratamento polifônico das rúbricas da *Missa pro defunctis*, tradição essa que remonta à Renascença. Esta missa plenária assumia parte fulcral no Rito Católico Romano, sendo associada, por norma, às exéquias de personalidades socialmente destacadas, como aristocratas ou membros da realeza. Na versão que deixou incompleta à data da sua morte, Mozart combinou toda a carga dramática dos textos latinos de origem medieval com os padrões vocais e instrumentais em uso na época, do que resultou um monumento sonoro de beleza invulgar.

Sabe-se hoje, graças às aturadas pesquisas do musicólogo austríaco Otto Erich Deutsch (1883-1967), que a obra foi encomendada pelo conde Franz von Walsegg-Stuppach, frequentador assíduo dos círculos da maçonaria livre em Viena. A esposa do conde morrera a 14 de fevereiro de 1791, tendo o nobre querido expressar uma homenagem póstuma com expressão litúrgica e musical. Para tal, em meados de julho do mesmo ano, enviou um mensageiro a casa de Mozart, o qual comunicou o prazo de execução exigido e um adiantamento de honorários. O compositor e a sua família viam-se então a braços com uma série de dificuldades financeiras, pelo que a tarefa foi aceite, muito embora o seu início efetivo só tenha vindo a ocorrer em outubro

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756
Viena, 5 de dezembro de 1791

de 1791, após a estreia, em Praga, da ópera *La clemenza di Tito*. Afligido por febres e inchaços, o compositor não logrou, contudo, concluir o *Requiem* nos cerca de dois meses de vida que lhe restavam. À data da sua morte, deixara o Introito e o essencial do *Kyrie*, legando também as partes vocais completas das cinco primeiras estrofes da Sequência *Dies irae* e do Ofertório, *Domine Jesu Christe*, assim como os respetivos baixos instrumentais e as células motivicas preponderantes da restante instrumentação. Da derradeira secção da Sequência, *Lacrimosa*, Mozart escreveu apenas os oito primeiros compassos. Foi Constanze Mozart (1762-1842), ciente das obrigações do recém-falecido marido, que tomou a iniciativa de contactar alguns dos seus discípulos mais próximos, no sentido de lhes propor a conclusão da obra. Depois de algumas hesitações, o desafio foi aceite por F. X. Süssmayr (1766-1803), o qual principiou por completar a estrofe *Lacrimosa*, prosseguindo com a composição do *Sanctus* e do *Agnus Dei*. Quanto à última rubrica, *Communio*, foi igualmente trabalhada por Süssmayr a partir da reutilização de secções substanciais do Introito e do *Kyrie*. No início de dezembro de 1793, foi entregue uma cópia ao conde Walstegg, honrando-se o compromisso inicialmente assumido por Mozart. Os primeiros compassos do Introito, *Requiem aeternam dona eis, Domine*, desvelam, desde logo, as angústias e as incertezas do ser humano perante a morte, com passo lento e cadenciado.



AMIGOS DE MOZART INTERPRETAM O REQUIEM. CENA FICCIONADA, THOMAS W. SHIELDS, 1882 © DR

Os trombones, trompetes e timbales reforçam a cadência que conduz à entrada fugada das vozes, com especial gravidade de expressão. O tom premonitório do Introito é, de alguma forma, prolongado no *Kyrie*, majestoso enunciado contrapontístico inspirado nos modelos da fuga barroca, dos quais Mozart tomara conhecimento através da biblioteca do Barão Gottfried van Swieten. A Sequência *Dies irae, dies illa* constitui, *per se*, uma das páginas mais carismáticas de toda a literatura vocal europeia, dela emanando um *pathos* grandioso e aterrador, marcado pelas múltiplas referências ao final dos tempos, aos pecados da humanidade e à expectável punição divina. O discurso idiomático dos instrumentos vai-se adaptando, com notável sensibilidade, aos múltiplos significados das estrofes latinas, seja ao anúncio do julgamento final de *Tuba mirum*, seja à súplica fremente de *Confutatis maledictis*, seja ainda à prodigiosa evocação de *Lacrimosa dies illa*. Todas as forças

vocais e instrumentais confluem para imergir o ouvinte nos quadros derradeiros do apocalipse final. Após a Sequência tem lugar o Ofertório, *Domine Jesu Christe*, visando a edificação moral do crente, frente à tentação e ao pecado que se atravessam no seu caminho. Na tonalidade serena de Mi bemol maior, o verso *Hostias et preces tibi, Domine* imprime um sentido mais dinâmico ao discurso musical, a partir da métrica ternária e das figurações sincopadas das cordas. Os dois últimos andamentos do *Requiem* foram, como se disse, compostos de raiz por Süssmayr, não se sabendo a medida exata da inspiração mozartiana que nele subsistiu. Apesar de tudo, tornam-se bem claros os esforços para emular o estilo musical e as atmosferas dramáticas dos andamentos anteriores, em particular na *Communio* final.

RUI CABRAL LOPES

Requiem, K. 626

Wolfgang Amadeus Mozart

INTROITUS

Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.
Te decet hymnus, Deus, in Sion,
et tibi reddetur votum in Jerusalem.
Exaudi orationem meam,
ad te omnis caro veniet.
Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.

Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.
A Ti são dirigidos hinos em Sião,
a Ti são oferecidos votos em Jerusalém.
Ouve a minha oração,
perante Ti comparecem todas as criaturas.
Dá-lhes Senhor o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

KYRIE

Kyrie eleison,
Christe eleison,
Kyrie eleison.

Senhor tem piedade de nós.
Cristo tem piedade de nós.
Senhor tem piedade de nós.

SEQUENTIA

Dies irae

Dies irae, dies illa
solvat saeculum in favilla,
teste David cum Sibilla.

Dia de ira aquele,
em que o universo foi reduzido a cinzas,
como predisseram David e Sibila.

Quantus tremor est futurus,
quando iudex est venturus,
cuncta stricte discussurus.

Qual não será o terror,
quando vier o juiz,
examinar com rigor as suas ações.

Tuba mirum

Tuba mirum spargens sonum
per sepulcra regionum,
coet omnes ante thronum.

O som maravilhoso das trombetas,
alcançará os mortos nas suas sepulturas,
conduzindo-os perante o Teu trono.

Mors stupebit et natura,
cum resurget creatura,
judicanti responsura.

A morte e a natureza ficarão estupefactas,
quando a criatura comparecer,
para responder perante o juiz.

Liber scriptus proferetur,
in quo totum continetur,
unde mundus iudicetur.

Num livro estará escrito,
tudo o que será tratado,
no julgamento do mundo.

Judex ergo cum sedebit,
quidquid latet apparebit,
nil inultum remanebit.

Quando o juiz tomar o seu lugar,
tudo o que estiver oculto aparecerá,
e nada ficará impune.

Quid sum miser tunc dicturus,
quem patronum rogaturus,
cum vix justus sit securus?

Pobre de mim, que direi então,
a quem pedirei proteção,
quando só o justo está tranquilo?

Rex tremendae

Rex tremendae maiestatis,
qui salvandos salvas gratis,
salva me, fons pietatis.

Rei de tremenda majestade,
que salvas gratuitamente os escolhidos,
salva-me, fonte de piedade.

Recordare

Recordare, Jesu pie,
quod sum causa tuae viae,
ne me perdas illa die.

Recorda-te, pio Jesus,
que vieste ao mundo por mim,
não me condenes nesse dia.

Quaerens me sedisti lassus,
redemisti crucem passus;
tantus labor non sit cassus.

Cansaste-Te a procurar-me,
para me resgatares, morreste na cruz;
que tanto esforço não tenha sido em vão.

Iuste iudex ultionis,
donum fac remissionis
ante diem rationis.

Juiz que castigas com justiça,
concede-me o perdão dos meus pecados,
antes do dia do julgamento.

Ingemisco tanquam reus,
culpa rubet vultus meus,
supplicanti parce, Deus.

Choro, na qualidade de réu,
a minha culpa envergonha-me;
peço-Te, ó Deus, perdão.

Qui Mariam absolvisti,
et latronem exaudisti,
mihi quoque spem dedisti.

Tu que absolveste Maria,
e ouviste o ladrão,
e me concedeste a esperança.

Preces meae non sum dignae,
sed tu bonus fac benigne,
ne perenni cremer igne.

As minhas preces não são dignas:
mas Tu, que és bom, não consintas,
que eu arda no fogo do inferno.

Inter oves locum praesta,
et ab haedis me sequestra,
statuens in parte dextra.

Coloca-me entre os cordeiros,
e separa-me dos pecadores,
deixa-me ficar à Tua direita.

Confutatis

Confutatis maledictis,
flammis acribus addictis,
voca me cum benedictis.

Oro supplex et acclinis,
cor contritum quasi cinis,
gere curam mei finis.

Lacrimosa

Lacrimosa dies illa,
qua resurget ex favilla
judicandus homo reus.

Huic ergo parce, Deus,
pie Jesu Domine,
dona eis requiem!
Amen!

OFFERTORIUM

Domine Jesu Christe

Domine Jesu Christe! Rex gloriae!
Libera animas omnium fidelium defunctorum
de poenis inferni et de profundo lacu:
libera eas de ore leonis, ne absorbeat eas tartarus,
ne cadant in obscurum, sed signifer sanctus
Michael repraesentet eas in lucem sanctam,
quam olim Abrahae promisisti, et semini ejus.

Hostias

Hostias et preces tibi, Domine, laudis offerimus;
tu suscipe pro animabus illis, quarum hodie
memoriam facimus: fac eas, Domine, de morte
transire ad vitam, quam olim Abrahae promisisti,
et semini ejus.

SANCTUS

Sanctus, sanctus, sanctus
Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt coeli et terra gloria tua.
Hosanna in excelsis.

Livra-me da agitação dos malditos,
e dos condenados às chamas,
chama-me para junto dos bem aventurados.

Prostrado e suplicante, rogo-Te,
com o coração quase em cinzas,
que tenhas piedade na hora da morte.

Dia de lágrimas aquele,
em que o homem pecador renascer,
das cinzas para ser julgado.

Tem pois piedade dele, Deus:
pio Jesus, Senhor,
concede-lhe o eterno repouso!
Ámen

Senhor Jesus Cristo! Rei da glória!
Livra as almas de todos os fiéis defuntos
das penas do inferno e do lago profundo.
Livra-as da boca do leão, que o inferno não
as engula, que não caiam nas trevas: mas que
São Miguel, o porta-estandarte, as conduza
à luz santa, como em tempos prometeste
a Abraão e aos seus descendentes.

Oferecemos-Te, Senhor, hóstias e louvores.
Aceita-as pelas almas daqueles que hoje recordamos;
fá-las passar da morte à vida, que outrora prometeste
a Abraão e à sua posteridade.

Santo, santo, santo
é o Senhor, deus dos exércitos.
Os céus e a terra estão cheios da Tua glória.
Hossana nas alturas.

BENEDICTUS

Benedictus, qui venit in nomine Domini.
Hosanna in excelsis.

AGNUS DEI

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi:
dona eis requiem.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi:
dona eis requiem sempiternam.

COMMUNIO

Lux aeterna

Lux aeterna luceat eis, Domine,
cum sanctis tuis in aeternum, quia pius es.
Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.

Cum sanctis tuis

Cum sanctis tuis in aeternum, quia pius es.

Bendito o que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

Cordeiro de Deus que tiras os pecados do mundo,
dá-lhes o repouso.
Cordeiro de Deus que tiras os pecados do mundo,
dá-lhes o repouso eterno.

Que a luz eterna lhes resplandeça, Senhor,
com os Teus santos para sempre, pois és bom.
Dá-lhes, Senhor, o eterno repouso,
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

Com os teus santos para sempre, pois és bom.

Lorenzo Viotti

Maestro



© MÁRCIA LESSA

Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Natural de Lausanne, na Suíça, nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo sido percussionista da Filarmónica de Viena, entre outras orquestras. Em simultâneo, estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. Em 2015 venceu o prestigioso *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*. Anteriormente tinha já vencido o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR (2013). Na sequência destes sucessos, foi convidado a dirigir a Sinfónica de Tenerife, a Filarmónica da BBC de Manchester, a Royal Liverpool Philharmonic e a Orquestra Nacional de Lille. Desde então, dirigiu outras prestigiadas orquestras como as Sinfónicas de Tóquio e Osaka, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica de Bremen, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra da Rádio de Munique, a Tonkünstler Orchestra, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Gotemburgo, a Sinfónica Nacional da Rádio

Dinamarquesa, a Camerata Salzburg, a Staatskapelle Dresden, a Gustav Mahler Jugendorchester, a Royal Philharmonic Orchestra, ou a Staatskapelle Berlin. Estreou-se à frente da Orquestra Gulbenkian em janeiro de 2017. Em 2016 foi três vezes convidado a realizar substituições de última hora, tendo-se então estreado à frente da Orquestra do Real Concertgebouw de Amsterdão, da Sinfónica de Viena, e da Orquestra de Câmara do Festival de Verbier. Em agosto do mesmo ano estreou-se no Festival de Verão de Salzburgo, tendo então dirigido a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena. Regressaria a Salzburgo no ano seguinte, tendo partilhado um concerto comemorativo com o maestro Christian Thieleman. No domínio da ópera, Lorenzo Viotti dirigiu *La belle Hélène* (Offenbach), no Théâtre du Châtelet, em Paris, *La cambiale di matrimonio* (Rossini), no Teatro La Fenice, em Veneza, *Carmen* (Bizet), em Klagenfurt, *Rigoletto* (Verdi), na Ópera de Estugarda e na Dresden Semperoper, *Viva la Mamma!* (Donizetti), na Ópera de Lyon, e *Werther* (Massenet), em Klagenfurt e Frankfurt. Lorenzo Viotti recebeu o prémio *Newcomer* nos *International Opera Awards 2017*.



© SARAH WIJZENBEEK

Ilse Eerens

Soprano

A soprano belga Ilse Eerens estudou no Instituto Lemmens, em Lovaina, e na Academia da Ópera Nacional Holandesa. Recebeu o Prémio Arleen Auger no Concurso Internacional de Canto de 's-Hertogenbosch, e foi 3.ª classificada no Concurso Internacional da ARD (2006). O seu repertório estende-se do Barroco até à contemporaneidade. Os destaques das atuações recentes incluem *La Damoiselle élue*, de Debussy, com a City of Birmingham Symphony, obras de Schubert, Mozart, Bruckner e Mahler, no Festival de Takefu, no Japão, e *Lobgesang*, de Mendelssohn, com a MDR Sinfonieorchester Leipzig. Sendo uma convidada regular do La Monnaie, em Bruxelas, interpretou nesse palco *Lucio Silla* (Celia), *Un ballo in maschera* (Oscar) e *Guillaume Tell* (Jemmy), papel que repetiu no Concertgebouw de Amsterdão, e ainda *Cendrillon* (Noémie) de Massenet, *Oedipe* (Antigone) de Enesco, e *Le Grand Macabre* (Amanda) de Ligeti, papel que também interpretou no Teatro Colón de Buenos Aires, no Teatro dell'Opera di Roma e no Festival de Adelaide, na Austrália. Na presente temporada regressou ao La Monnaie como Pamina, numa nova produção de Romeo Castellucci de *A flauta mágica*, e estreou-se no papel de Mélisande (*Pelléas et Mélisande*) no Stadttheater Klagenfurt. Para além do *Requiem* de Mozart, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, este ano incluiu *As Estações* de J. Haydn com a Orquestra do Século XVIII, a 9.ª Sinfonia de Beethoven, com a Het Gelders Orkest, e a *Paixão segundo São Mateus* de J. S. Bach, com a MDR Sinfonieorchester.



© JULIEN CHERKI

Anthea Pichanik

Contralto

A contralto francesa Anthea Pichanick venceu com brilhantismo o prestigiado Concurso Internacional de Ópera Barroca Antonio Cesti, em Innsbruck, em 2015. Um triunfo que lhe proporcionou apresentar-se em recital, com o ensemble L'Astrée, no Konzerthaus de Viena. No verão de 2016 interpretou Asteria, em *Bajazet* de Vivaldi, no Festival International d'Opéra Baroque et Romantique de Beaune, com o ensemble Les Accents, sob a direção do violinista Thibault Noally. A temporada seguinte caracterizou-se pelo ecletismo, tendo incluído obras como o *Messias* de Händel, no Théâtre des Champs-Élysées, com Le Concert Spirituel e Hervé Niquet, Elektra de R. Strauss, na Ópera de Lyon, o papel principal de *Il Mitridate Eupatore*, de A. Scarlatti, ou o *Stabat Mater* de Pergolesi, com Le Poème Harmonique e Vincent Dumestre. A temporada seguinte foi igualmente intensa para, incluindo o *Requiem* de Mozart, com Les Musiciens du Louvre e Marc Minkowski, *Israel no Egito* de Händel, com Les Cris de Paris e Les Siècles, no Festival Cervantino (México), um recital Vivaldi, com Le Concert Spirituel, no Oratoire du Louvre, e uma gala na Salle Gaveau, com Emoke Baráth, Chantal Santon Jeffery, Philippe Jaroussky, Emiliano Gonzalez Toro e La Chimera. Anthea Pichanick estreou-se na Ópera de Nancy como Zulma, em *L'Italiana in Algeri* de Rossini, sob a direção de Giuseppe Grazioli, tendo repetido este papel no Festival de Beaune, com o Ensemble Matheus e Jean-Christophe Spinosi.



© JULIA WESELY



© DR



© DR



© DR

Sebastian Kohlhepp

Tenor

Sebastian Kohlhepp nasceu em Limburg an der Lahn, na Alemanha. Estudou com Hedwig Fassbender em Frankfurt e aperfeiçoou a interpretação de importantes papéis de tenor na Ópera de Karlsruhe. Em 2013-2014 integrou o elenco da Ópera Estadual de Viena, onde cantou, entre outros personagens, Jaquino (*Fidelio*) e Froh (*O ouro do Reno*). Entre 2015 e 2017, foi membro da Ópera de Estugarda, tendo obtido grande sucesso como Lucio Vero, em *Il Vologeso* de N. Jommelli. Interpretou também Alfred (*O Morcego*), Ferrando (*Così fan tutte*), Oronte (*Alcina*), Don Ottavio (*Don Giovanni*), e Lurcanio (*Ariodante*). Como cantor convidado, atuou na Ópera de Monte-Carlo (*Salome*), no Theater an der Wien (*Il ritorno d'Ulisse in patria*), na Volksoper Wien (*Albert Herring*), no Teatro de Basileia (*A flauta mágica*) e na Ópera de Colônia (*Don Giovanni*).

Como solista de concerto, colabora regularmente com agrupamento como Akademie für Alte Musik, RIAS Chamber Choir, Freiburg Baroque Orchestra, Collegium Vocale Gent, Stuttgart Chamber Choir, B'Rock e Collegium 1704 e com maestros como R. Jacobs, P. Herreweghe, P. Heras-Casado, F. Bernius, H. Rilling ou A. Spering. Apresentou-se no Concertgebouw de Amsterdão, nas Philharmonie de Berlim, Colônia e Paris, no Wiener Konzerthaus e no Tonhalle de Zurique. No verão de 2018 estreou-se no Festival de Salzburgo, sob a direção de Teodor Currentzis (9.ª Sinfonia de Beethoven). No final do mesmo ano, estreou-se nos E.U.A., com a Sinfônica de Boston e o maestro Andris Nelsons.

Nahuel Di Piero

Baixo

Natural de Buenos Aires, Nahuel Di Piero realizou a sua formação no Instituto Artístico do Teatro Colón, na Academia da Ópera Nacional de Paris e no "Young Singer Project" do Festival de Salzburgo. Para além das óperas do Barroco como *L'Incoronazione di Poppea* de Monteverdi, *King Arthur* de Purcell, *Médée* de Charpentier, ou *L'Orfeo* de Rossi, cantou nos principais palcos da Europa e nas Américas os papéis do repertório mozartiano, incluindo Don Giovanni, Masetto e Leporello (*Don Giovanni*), Sarastro (*A flauta mágica*), Achior (*La Betulia liberata*), Figaro (*As bodas de Figaro*), Guglielmo (*Così fan tutte*) ou Osmín (*O rapto do serralho*). É também especialista no repertório rossiniano, incluindo Le comte Ory (*Governador*), Il viaggio a Reims (*Sidney*), Semiramide (*Assur*), Il turco in Italia (*Selim*), Guillaume Tell (*Walter e Melchthal*), O barbeiro de Sevilha (Basilio) e L'Italiana in Algeri (*Haly*). Outras representações incluem as óperas de Bellini, Verdi, Puccini e Prokofiev. Em concerto, colaborou com orquestras e maestros de renome como a Orquestra Nacional de França (K. Masur, J. Conlon e D. Gatti), a Sinfônica de Chicago (R. Muti), a Orquestra de Paris (L. Langrée e B. de Billy), le Cercle de l'Harmonie (J. Rhorer), o Ensemble Pygmalion (R. Pichon), le Concert d'Astrée (E. Haïm), l'Orchestre Révolutionnaire et Romantique (J. E. Gardiner) ou a Hallé Orchestra (M. Elder). Apresentou-se a solo na Salle Cortot de Paris, no Capitólio de Toulouse, no Wigmore Hall e no Royal Albert Hall (Proms 2018), em Londres.

Vincent Huguet

Encenador

Vincent Huguet é natural de Montpellier. Até 2013 trabalhou com Patrice Chéreau, com destaque para a encenação de *Elektra* (R. Strauss), no Festival d'Aix-en-Provence, tendo dirigido as reposições em Milão, Nova Iorque, Helsínquia, Berlim e Barcelona. Colaborou igualmente com Luc Bondy, Peter Sellars e Ivo van Hove. Em 2012 assinou a sua primeira encenação, *Lakmé* de Delibes, na Ópera de Montpellier. Em 2015 encenou *Love I Obey*, na Philharmonie de Paris, *Contes de la lune vague après la pluie* (X. Dayer; J.-Ph. Wurtz), na Ópera de Rouen e na Opéra Comique, e *Encor sur le pavé sonne mon pas nocturne*, para a Academia do Festival d'Aix. Em 2016 destacam-se: *To be or not to be* (Shakespeare/Purcell; V. Dumestre), em Rouen; *Les Voyages de Don Quichotte* (Ravel, Strauss, Falla, Massenet; M. Minkowski), na Ópera de Bordéus; e *Trois femmes* (Charpentier; S. Daucé), em Caen, Bruges e Versalhes. Em 2017 participou na criação de *Vaille que vivre*, no Festival d'Avignon, com Alexandre Tharaud e Juliette Binoche, e encenou *La vie parisienne* (Offenbach; M. Minkowski), em Bordéus, e *Werther* (Massenet; L. Viotti), em Klagenfurt. Já em 2018, foi o encenador de *Dido e Eneias* (Purcell), no Festival d'Aix, de *Romeu e Julieta* (Gounod), no Teatro de Lucerna, bem como de *Ode Marítima*, na Fundação Gulbenkian. Os seus projetos para 2019 incluem a encenação de *A mulher sem sombra* (R. Strauss), em Viena, com direção musical de C. Thielemann.

Leonor Seixas

Atriz

Leonor Seixas adora cinema, televisão, teatro, ama o que faz! Nasceu em Portugal e é uma viajante. Los Angeles, Nova Iorque e Lisboa são a sua base, mas trabalha tanto nestas cidades como por todo o mundo. Começou por ser bailarina, a partir dos três anos idade, tendo frequentado a escola do Conservatório Nacional de Dança de Lisboa. Mais tarde passou para a área do teatro, continuando a apresentar-se nos palcos, mas numa área um pouco diferente, na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Ainda durante a adolescência, prosseguiu a sua formação em Nova Iorque, onde estudou no Lee Strasberg Theater Institute. Três anos depois, foi escolhida para protagonizar em Portugal um filme e logo de seguida uma novela. O sucesso destes projetos permitiram que Leonor continuasse a trabalhar ininterruptamente em variadíssimos filmes, novelas, séries, peças de teatro, locuções, anúncios, recitais de poesia e performances. Enquanto trabalha em Portugal, Leonor pensa sempre em voar alto. Participou em novelas no Brasil e tem continuado a trabalhar em vários países. Foi nomeada em festivais importantes como Globos de Ouro, Prémios SPA, Prémios Sophia, Cinema Bloggers Awards, ou Valencia Film Festival, no qual ganhou o prémio para melhor atriz.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

© G.M. MÁRCIA LESSA

Michel Corboz Maestro Titular

Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Raquel Sousa
Ariana Russo
Carla Frias
Cecília Rodrigues
Claire Santos
Clara Coelho
Filipa Passos
Inês Lopes
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mariana Moldão
Mariana Rodrigues
Marisa Figueira
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Sara Afonso
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Esteves
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Maria Forjaz Serra
Marta Queirós
Patrícia Mendes

TENORES

António Gonçalves
Artur Afonso
Bruno Sales
Diogo Pombo
Frederico Projecto
Gerson Coelho
Hugo Martins
João Barros
João Branco
João Custódio
João Pedro Afonso
Manuel Gamito
Rodrigo Carreto
Rui Aleixo
Sérgio Fontão

BAIXOS

Fernando Gomes
João Costa
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Luís Neiva
Mário Almeida
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Borrás
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho, Marta Andrade,
Joaquina Santos, Fábio Cachão



Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© G.M. MÁRCIA LESSA

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS

Jan Orawiec *Concertino Principal**
Francisco Lima Santos
1º Concertino Auxiliar
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tomás Costa *
Ana Paliwoda *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Miguel Simões *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann

FLAUTAS

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista

TROMPETES

Adrian Martinez *1º Solista*
David Burt *2º Solista*

TROMBONES

Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*

TUBA

Amilcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

CRAVO

Marcos Magalhães *1º Solista**

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista
Fábio Cachão



THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.
Emissões de CO₂ combinadas de 154 a 164 g/km.

25 mai — 27 jun

Assinaturas

19 / 20

 GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Junho 2019

